



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: IMPORTÂNCIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

MÔNICA CRISTINA DE MOURA

CARAÚBAS-RN
2016

MÔNICA CRISTINA DE MOURA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: IMPORTÂNCIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade à distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Ma. Maria Iêda da Silva.

CARAÚBAS-RN
2016

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUA IMPORTÂNCIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monica Cristina de Moura (UFRN)
Orientadora Maria lêda da Silva (UFRN)

RESUMO

A Contação de histórias é um dos meios mais antigos de interação humana, usada desde os primórdios da humanidade para transmitir conhecimentos, estimular a imaginação e a fantasia, como também para transmitir valores morais, disciplinar e desenvolver o interesse pela leitura. Por meio das histórias, as pessoas galgam a oportunidade de se tornar leitores assíduos e competentes linguisticamente, além de poder caminhar por uma estrada infinita de descobertas e compreensão do mundo. O presente artigo tem por finalidade a contribuição da contação de histórias para o processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil. A proposta metodológica, é cunho bibliográfico, tendo como referência os seguintes autores: Abramovich (1997), Bettelheim (2000/2002), Coelho (2001/2009), Fernandes (2001), Lima (2012), entre outros.

Palavras-chave: Contação de História. Prática Pedagógica. Educação.

ABSTRACT

The Storytelling is one of the oldest means of human interaction , used since the dawn of humanity to transmit knowledge , stimulate imagination and fantasy, but also to pass moral , disciplinary values and develop an interest in reading. Through the stories , people galgam the opportunity to become assiduous and competent readers linguistically , and can walk an endless road of discovery and understanding of the world . This article aims storytelling contribution to stories to the process of teaching and learning in kindergarten . The methodology is bibliographical nature, with reference to the following authors : Abramovich (1997) , Bettelheim (2000/2002) , Rabbit (2001/2009) , Fernandes (2001) , Lima (2012) , among others.

Keywords: Storytelling . Teaching Practice . Education.

INTRODUÇÃO

Vivemos um período em que a mídia e as tecnologias estão cada vez mais acessíveis às crianças; as informações chegam pelos meios de comunicação ampliando os horizontes e os conhecimentos. Os livros estão sendo deixados de lado, as histórias estão sendo esquecidas, o que torna um desafio para o educador fazer com que as crianças em idade escolar tomem gosto pela leitura.

Acredita-se que esta seja uma atividade necessária e imprescindível no processo de desenvolvimento da criança, pois a contação de histórias auxilia na formação humana e, por isso, deve ser valorizada e desenvolvida no meio escolar a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades humanas, além de contribuir no processo de aprendizagem e socialização da criança.

A contação de história nas escolas era uma forma de distrair as crianças e hoje vem ressurgindo a figura do contador de histórias. De acordo com vários estudiosos, a contação de histórias é um precioso auxílio à prática pedagógica de professores na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A Contação de história instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo. Deste modo, este artigo discute como o ato de contar histórias na educação infantil favorece a aprendizagem e contribui para potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, e a memória.

Neste trabalho, fazemos uma abordagem de cunho bibliográfico, sobre a importância da contação de história como recurso pedagógico na Educação Infantil, fazendo com que o aluno desenvolva aspectos cognitivos, afetivos e sociais, podendo ainda desenvolver na criança valores fundamentais como ética, respeito e moral. ~~Nos referenciamos~~ Usamos como referencial em autores consagrados nesta área, tais como: Abramovich (1997), Bettelheim (2000/2002), Coelho (2001/2009), Fernandes (2001), Lima (2012), que nos dão a certeza de que o assunto abordado é de fundamental importância para professores que atuam no ensino

infantil, porque é nesta fase da vida que as crianças internalizam conhecimentos e valores que se refletem ao longo de suas vidas.

I- UMA VISÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Na transição do século XVII para o XVIII, o significado e o papel social da infância, assim como uma literatura adequada para esta instituição que apenas foi criada posteriormente, as crianças eram reconhecidas como pequenos adultos, possuidores de tarefas e cuidados semelhantes aos de um adulto, o que pode explicar a alta taxa de mortalidade infantil naquela época.

Compartilhando todas as atividades com as pessoas mais velhas, as crianças também possuíam a mesma cultura literária que os demais. Apenas com a ascensão da burguesia e reestruturação familiar, a criança começou a ser reconhecida como indivíduo diferente do adulto, com atribuições diferentes. No século XVIII, a literatura infantil mostrou-se importante no âmbito escolar e na necessidade de uma mudança na mentalidade sociocognitiva que a criança possuía. A escola foi um dos principais agentes para que a mudança na literatura ocorresse.

As primeiras produções infantis foram realizadas por professores e pedagogos no final do século XVII e durante o século XVIII. Coelho (2001) afirma que “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la.” (COELHO, 2001, p. 31). A contação de histórias é uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. Essa arte remonta à época do surgimento do homem há milhões de anos. Contar histórias e declamar versos constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita.

Na cultura primitiva, saber ler, escrever e interpretar sinais da natureza era de grande importância, porque mais tarde iam se tornar registros pictográficos, com os quais seriam relatadas coisas do cotidiano que poderiam ser lidas e compreendidas pelos integrantes do grupo. As histórias são uma maneira mais significativa que a humanidade encontrou para expressar experiências que nas narrativas realistas não acontecem.

Os contos são temidos porque objetivam os fatos e as verdades que não podem ser expressos pela razão, por isso nos estudos dos contos observa-se: “Em primeiro lugar, o fato de que eles falam sempre de relacionamentos humanos primitivos e, por isso, exprimem sentimentos muito arcaicos do psiquismo humano.” (VIEIRA, 2005, p. 10) Desde aqueles tempos remotos e ainda hoje, a necessidade de exprimir os sentidos da vida, buscar explicações para nossas inquietações, transmitir valores de avós para netos têm sido a força que impulsiona o ato de contar, ouvir e recontar histórias. Segundo as ideias de Rodrigues (2005):

A Contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

A contação de histórias é uma atividade fundamental que transmite conhecimentos e valores, tendo atuação decisiva na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. As histórias são uma maneira mais significativa que a humanidade encontrou para expressar experiências que, nas narrativas realistas, não acontecem, além de pertencer ao campo da educação e à área das ciências humanas, é uma atividade comunicativa. Por meio dela, os homens repassam costumes, tradições e valores capazes de estimular a formação do cidadão.

Todavia, contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte. O ato de contar histórias deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um.

A contação de histórias está ligada diretamente ao imaginário infantil. O uso dessa ferramenta incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura; a ampliação do vocabulário, da narrativa e de sua cultura; o conjunto de elementos referenciais que proporcionarão o desenvolvimento do

consciente e subconsciente infantil; a relação entre o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) com o mundo social (mundo externo), resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças.

A capacidade de imaginar permite que o ser humano crie uma habilidade de entendimento e compreensão de histórias ficcionais, pois nossa vida apenas é entendida dentro de narrativas. As histórias nos transmitem informações e abrangem nossas emoções. É por esse motivo que algumas pessoas se sentem receosas ao trabalhar com crianças e jovens em desenvolvimento. A história tem um papel significativo na contribuição com a tolerância e o senso de justiça social, podendo criar novos rumos à imaginação, podendo ser eles bons ou ruins. Sendo assim, a reformulação da literatura infantil foi de extrema importância para que a sua função social e individual pudesse respeitar as especificidades e necessidades da intencionalidade que a história possui e quer transmitir para a criança. Além, é claro, da adequação condizente com a faixa etária. (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

A contação de histórias é um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento de fantasia. Ao contar histórias, o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade que os remete à época dos antigos contadores que, ao redor do fogo, contavam a uma plateia atenta às histórias, costumes e valores do seu povo. A plateia não se reúne mais em volta do fogo, mas, nas escolas, os contadores de história são os professores, elo entre o aluno e o livro. O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor.

Inúmeras são as possibilidades que o uso da contação de histórias em sala de aula propicia. Além de as histórias divertirem, elas atingem outros objetivos, como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade. A literatura não está recebendo um estímulo adequado e a contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, não uma tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos de avaliação, afastando o aluno do prazer de ler. Porque, para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler.

É preciso ensinar a gostar de ler. “[...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece.” (VILLARDI, 1997, p. 2). Dessa forma, utilizar a contação em

sala de aula faz com que todos saiam ganhando, tanto o aluno, que será instigado a imaginar e criar, quanto o professor, que ministrará uma aula muito mais agradável e produtiva e alcançará o objetivo pretendido: a aprendizagem significativa.

Além disso, as histórias ampliam o contato com o livro para que os alunos possam expandir seu universo cultural e imaginário e, através de variadas situações, a contação de histórias pode: intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, provocar o riso, a perplexidade, o encantamento etc. Ou seja, ao se contar uma história, percorre-se um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo.

As histórias despertam no ouvinte a imaginação, a emoção e o fascínio da escrita e da leitura. Afinal, contar histórias é revelar segredos, é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar pela história, pela leitura. A contação de história é fonte inesgotável de prazer, conhecimento e emoção, em que o lúdico e o prazer são eixos condutores no estímulo à leitura e à formação de alunos leitores.

II. A LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO HUMANA

A fim de discorrer sobre a contribuição da literatura infantil na formação do futuro leitor, primeiramente é necessário conhecer as origens da literatura, e como esta passou a ser criada para o público infantil, como eram as primeiras narrativas até chegar aos dias atuais, com os diversos livros e recursos utilizados na literatura para crianças. Segundo Coelho (2009), desde que o ser humano começou a usar sua inteligência para organizar as formas e situações enfrentadas no seu cotidiano ele foi estimulado a registrar, em algo durável e concreto, suas experiências; desta forma materializa suas ações e ideias por meio da escrita.

Nas artes das cavernas, de 12 ou 15 mil anos atrás, descobertas por arqueólogos, nota-se de maneira clara esse impulso, que levou o homem a se expressar através de uma forma realista e particular suas experiências de vida. Ainda de acordo com Coelho (2009), o homem, desde as suas origens pré-históricas, procurou se comunicar ou marcar sua presença no mundo através de

uma determinada escrita, ou seja, uma forma concreta de registrar sua fala e fazê-la perpetuar no tempo. Usava vários suportes físicos para registrar suas mensagens: pedras, tabuinhas de argila, peles de animais, o córtex das árvores, junco, chifres, todos materiais extraídos da natureza e com o auxílio do buril.

O “escritor” fazia riscos para transmitir seus pensamentos aos outros e a partir desta escrita rudimentar, a humanidade foi reorganizando o sistema de escrita, e evoluindo até chegar ao modo que hoje é conhecida, na forma de livros, em cujas páginas adquire corpo verbal, tornando acessível aos leitores. Coelho (2009) discute também que o fenômeno literário, que é produto da imaginação criadora do homem, se caracteriza por uma duplicidade particular, simultaneamente concreto e abstrato.

É abstrato porque é gerado por ideias, sentimentos, experiências de várias naturezas etc, e é concreto porque tais experiências só têm realidade efetiva quando nomeadas, isto é, transformadas em linguagem ou em palavras. Estas precisam ser registradas em algo que lhes dê o indispensável suporte físico para existirem como fenômeno, para se comunicarem com seu destinatário e também perdurarem no tempo.

Neste sentido, acredita-se que, da mesma forma em que o homem buscava a comunicação em tempos remotos, continua buscando atualmente, porém em contexto e suas relações completamente diferentes. A sociedade atual configura-se em um mundo em constantes transformações, sob a influência de países avançados. No Brasil muitos são os desequilíbrios que definem a sociedade, não somente na área social, mas em vários ângulos. Ao mesmo tempo em que o mundo transforma-se, o ser humano também, e diante dessa realidade real e desafiante, torna-se necessário uma nova reflexão sobre a educação e o ensino.

No entendimento de Coelho (2009 p.15) “[...] é nessa área que novos princípios ordenadores da sociedade serão definidos, equacionados e transmitidos a todos, para que uma nova civilização se construa [...]”. Atualmente muitos são os debates e propostas na área educacional, principalmente em relação à língua e à literatura, em especial a literatura infantil. Coelho (2009) afirma que “alguns distraídos não perceberam que a verdadeira evolução de um

povo se faz ao nível da mente, ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância”

. Ela ainda fala que o caminho para que se chegue a esse nível é a literatura, em especial a infantil, pois esta tem uma tarefa especial a cumprir nessa sociedade em constante transformação: a de auxiliar na formação quer seja espontaneamente, quer por meio de mediação, em especial a mediação escolar. A maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e jovens é atribuída à palavra escrita. Justifica que, apesar dos indícios pessimistas acerca do futuro do livro (principalmente à literatura), nessa era de tecnologia, imagens e comunicação instantânea, a palavra literária está mais viva do que nunca e nenhuma forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite.

De acordo com a autora abaixo, por meio da literatura oral ou da literatura escrita foi transmitida por gerações a herança das tradições, que modificaram modos de vida, e trouxeram transformações pelos valores herdados. Essas mudanças se fazem necessárias também nos dias atuais e a literatura é o meio ideal para a formação de novas mentalidades.

Ao estudarmos a história das culturas e o modo pela qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. Literatura oral ou literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a Tradição que nos cabe transformar, tal qual outros fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados (Coelho, 2009 p.16).

A literatura foi usada, desde a sua origem, como instrumento de transmissão de valores, tendo em vista as particularidades da mente popular e infantil e entende que a linguagem poética era usada desde o início para transmitir padrões de pensamento ou de conduta às diferentes comunidades, já que os mesmos dificilmente poderiam ser compreendidos ou assimilados, principalmente se transmitidos em uma linguagem lógica, racionalizante e abstrata.

Assim, a linguagem literária assume seu papel desde os primórdios da civilização, que é a linguagem da representação, linguagem imaginária como nenhuma outra tem a capacidade de concretizar o abstrato. Coelho (2003)

acredita que as particularidades da natureza da literatura e da literatura infantil são as mesmas da que se destinam aos adultos, tendo como diferença apenas a natureza do seu leitor/receptor: a criança, com linguagem adequada para esse público.

Por esse motivo, concorda-se com Cunha (2006) a qual comenta que a literatura infantil, diferentemente da literatura para adultos, é mais abrangente, pois serve para qualquer idade. Deste modo, acredita-se que literatura infantil contribui significativamente para a formação do sujeito e deve estar presente no cotidiano escolar. Trata-se de uma atitude utilizada a milhares de anos e que ainda desperta interesse em adultos e crianças, estimula a imaginação, favorece a aprendizagem e contribui para potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, e a memória. Por isso, deve ser estimulada o quanto antes, pois, fazendo o uso desta na educação infantil, haverá uma relação prazerosa das crianças com os livros o que, certamente, os tornará futuros leitores.

2.1. A contação de histórias na educação infantil

No contexto da educação infantil acredita-se que a linguagem oral é fundamental para o desenvolvimento psicológico, social e cultural da criança, pois é através das relações pessoais que a criança se desenvolve, e tem sua inserção e participação nas práticas sociais. Segundo Schimidt, Marques e Costa (2003), a linguagem oral é a que tem maior importância, pois é o instrumento mais utilizado neste nível de escolarização, já que as crianças nesta idade não leem e não escrevem.

É por meio da linguagem oral que o adulto possibilita o contato da criança com os textos, ao ler para ela, ao conversar sobre os textos lidos. Segundo essas autoras, a oralidade deve trabalhar dois pontos importantes: a própria comunicação que estabelece com base na linguagem que a criança já domina, ou seja, quando a criança entra na escola, já é capaz de dialogar, narrar fatos e histórias, brincar com colegas e adultos, pedir ajuda etc; e o uso da linguagem como um importante mediador do conhecimento letrado, visto que a escola de educação infantil para crianças de famílias pouco escolarizadas talvez seja a mais

importante instituição no sentido de ter acesso ao mundo letrado. Por este motivo, o professor deve conhecer e valorizar a linguagem que a criança traz, e a partir dela orientá-la e ensiná-la a forma correta.

Se os educadores fizerem da literatura infantil um momento de lazer, de modo que o aluno sinta prazer em ler uma história, não como uma tarefa a mais para cumprir, estarão colaborando para o seu desenvolvimento integral. O professor poderá levar a criança a se interessar pelo tema da leitura através de canções, expressão corporal, dança, observação, contato com a realidade, desenvolvendo de suas fantasias e criatividade.

O melhor instrumento e a técnica mais eficiente são o amor e a criatividade, unidos à preocupação com os objetivos do trabalho, com o nosso público e com a mensagem a ser transmitida. É preciso que o professor goste de Literatura infantil, que ele se encante com o que lê, pois somente assim poderá transmitir a história com entusiasmo e vibração. Se o professor for um apaixonado pela Literatura Infantil, provavelmente, os alunos se apaixonarão também. Para ler um texto de Literatura Infantil é preciso ter o coração de criança. Muitas vezes lemos uma história e não gostamos, uma criança lê a mesma história e fica encantada. Isso pode acontecer porque lemos com a cabeça de adulto (OLIVEIRA, 2009, p.15).

O educador ao contar histórias, pode também variar na escolha de recursos e, mesmo que não seja um exímio contador de histórias, o uso desses recursos poderá facilitar e transformá-lo em um artista de dotes especiais e um mestre capaz de transmitir com segurança e entusiasmo o texto às crianças. Acredita-se que o professor ao contar histórias, - além de planejar, ler, gostar da história e fazer opção pela melhor história para a faixa etária de seus ouvintes, possa usar diferentes recursos para contar com mais entusiasmo e despertar em seus alunos o gosto pela leitura.

III. CARACTERIZAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS, FÁBULAS E HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO DOS ASPECTOS SOCIOCOGNITIVO E AFETIVO DA CRIANÇA

As histórias narradas sempre acompanharam a vida do homem em sociedade. Por meio delas, foi possível a preservação da cultura. Durante muito tempo, foram a única fonte de aquisição e transmissão do conhecimento. A narrativa é a arte de contar histórias que é tão antiga quanto o homem. A contação de história estimula a imaginação, retrata pessoas, lugares, acontecimentos, desejos e sonhos, favorecendo o processo da aprendizagem. São textos que mantêm uma estrutura fixa, partindo de um problema (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com introdução de elementos mágicos: fadas, bruxas, duendes, gigantes entre outros.

Por exemplo, muitas estórias de fadas começam com a morte da mãe ou do pai. Nestes contos a morte do progenitor cria os problemas mais angustiantes, como isto (ou medo disto) ocorre na vida real. Outras estórias falam sobre um progenitor idoso que decide que é tempo da nova geração assumir. Mas antes que isto possa ocorrer o sucessor tem que provar-se capaz e valoroso. (BETTELHEIM, 2002, p. 14).

É característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica, simplificando todas as situações. Isso permite à criança apreender o problema em sua forma mais essencial, pois uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. Segundo Bettelheim (2002), os contos de fadas começam a exercer seu impacto benéfico nas crianças por volta dos quatro/cinco anos.

Podem ser contadas as estórias que os pais gostavam quando crianças ou que tenham atração e valor para a criança. Os escritores mais famosos dos contos de fadas infantis são os Irmãos Grimm - Jacob e Wilhelm Grimm -, que fizeram e fazem muito sucesso até hoje com suas histórias e seus contos.

Nascidos na Alemanha, os Irmãos Grimm dedicaram a sua vida ao registro das fábulas infantis e assim ganharam fama e popularidade com as crianças. Além das belas histórias e das contribuições para o imaginário dos pequenos, os Irmãos Grimm também contribuíram para a língua alemã com um dicionário e, assim, desenvolveram um estudo mais aprofundado da língua e do folclore

popular local. As maiores e melhores obras dos Irmãos Grimm são resumidas em contos e lendas para crianças. Os contos para as crianças, na verdade, eram contos destinados aos adultos.

O que aconteceu durante os anos é que eles foram adaptados para os pequenos. Os Irmãos Grimm, na verdade, tornaram a fantasia acessível para as crianças. “Todos os contos de fadas dos Irmãos Grimm foram discutidos com respeito às origens de cada estória, suas diferentes versões em todo o mundo, suas relações com outras lendas e contos de fadas” (BETTELHEIM, 2002, p. 351). O conto de fada é uma história curta, que pode incluir criaturas folclóricas, o que se assemelha com fábulas nesse aspecto, palavra “fábula” vem do latim e significa falar. O gênero fábula apresenta características marcantes. Trata-se de pequenas narrações, em que os personagens protagonistas geralmente são animais que representam sentimentos e emoções humanas. Mesmo assemelhando-se às histórias infantis, as fábulas foram criadas inicialmente para serem contadas a adultos, com o objetivo de aconselhá-los e distraí-los.

A fábula é uma narração alegórica, cujos personagens são, geralmente, animais, e que encerra em uma lição de caráter mitológico, ficção, mentira, enredo de poemas, romance ou drama. Contém afirmações de fatos imaginários sem intenção deliberada de enganar, mas sim de promover uma crença na realidade dos acontecimentos. A fábula seria, portanto, uma narração em prosa e destinada a dar relevo a uma ideia abstrata, permitindo, dessa forma, apresentar, de maneira agradável, uma verdade que, de outra maneira, se tornaria mais difícil de ser assimilada. (LIMA; ROSA, 2012)

A fábula resume uma ação e sua reação, seguida do discurso que levará o leitor a refletir. Nem sempre é necessário que haja mais de um personagem, uma vez que a ação e a reação de determinada situação podem estar acontecendo na mente de um único personagem, portanto, podem ser construídas a partir de diálogo ou diálogo interior ou monólogo. Alguns autores consideram as fábulas um método universal de construção discursiva, porém, sempre haverá diferenças no modo como cada povo estrutura suas fábulas e seus elementos, resultando numa coleção cultural. As fábulas não iniciam com o famoso “Era uma vez”, como nos contos de fadas.

Todas as palavras são medidas, selecionadas e direcionadas ao seu alvo. As primeiras fábulas surgiram em 1668, publicadas em “As fábulas” de Jean La Fontaine, que se utilizava desse gênero para relatar a situação social de sua época: misérias, desigualdades e injustiças. No Brasil, como fabulista pioneiro, temos Monteiro Lobato, que recontava as famosas fábulas de La Fontaine e Esopo.

Outros fabulistas brasileiros são Donaldo Schüller e Millor Fernandes, estes mais contemporâneos, que recriaram as fábulas de maneira irônica, através de situações do cotidiano moderno. Uma característica intrínseca às fábulas de Lobato é a linguagem simples e coloquial, em que o autor se utiliza de palavras cotidianas e expressões de uso popular, além de apresentarem um caráter educativo. Muitas são fábulas conhecidas hoje, atribuídas a diferentes autores. São exemplos de fábulas:

Nas histórias curativas, a proposta da autora e médica Susan Perrow (2010) é trabalhar histórias terapêuticas para comportamentos desafiadores. As histórias curativas envolvem os ouvintes e possibilita ao contador de histórias promover a mudança de comportamentos inadequados em diferentes idades e procedimentos.

O livro apresenta oitenta histórias divididas em categorias de comportamentos desafiadores para as crianças de três a oito anos de idade. No entanto, o livro oferece uma diversidade de orientações e modelos para criação de histórias, utilizando recursos multiculturais, que poderão ser usadas em qualquer fase da vida. Cada situação deve ser analisada pelo contexto sociocultural, pois cada ser é único com comportamentos diversificados.

A contribuição desse livro é permitir, pela imaginação, contar, criar e trazer possíveis transformações para a humanidade. A imaginação infantil é elevada, sublime, celestial e pura. A criança, diferentemente, se relaciona com as histórias como os adultos. A imaginação, nos contos de fadas, se torna para a criança uma realidade, ao passo que para os adultos é feita uma análise sobre a veracidade das histórias, sendo, portanto, uma barreira para o imaginário adulto.

A arte de contar histórias atravessa gerações, convida a humanidade através da imaginação a refletir sobre a própria vida e transformar comportamentos desafiadores. As histórias podem ser lidas ou contadas, podem

transformar ou curar, mas, para que isso aconteça, é preciso a responsabilidade e a sensibilidade para saber contá-las.

IV. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA

A contação de histórias é uma prática cada vez mais presente na escola. Ora se desenvolve a partir do planejamento do professor, ora a escola recebe a visita de um contador, ora ela permeia os espaços culturais (como feiras do livro). O professor, através de sua formação, tem contato com diversas possibilidades de integrar a literatura em sua aula.

Muitos teóricos abordam a questão da importância dos textos literários na escolarização. Ao considerar a contação de histórias como portadora de significados para a prática pedagógica, não se restringe o seu papel somente ao entendimento da linguagem. Preserva-se seu caráter literário, sua função de despertar a imaginação e sentimentos, assim como suas possibilidades de transcender a palavra.

A ação de contar histórias deve ser utilizada dentro do espaço escolar, não somente com seu caráter lúdico, muitas vezes exercitado em momentos estanques da prática, como a hora do conto ou da leitura, mas adentrar a sala de aula, como metodologia que enriquece a prática docente, ao mesmo tempo em que promove conhecimentos e aprendizagens múltiplas.

De acordo com breve pesquisa bibliográfica, ficou evidente que a contação de histórias pode e deve ser usada como metodologia para o desenvolvimento dos alunos e de sua personalidade, melhorando de maneira significativa o desempenho escolar. Na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer. (MIGUEZ, 2000, p. 28). A questão da contação de histórias como participante da práxis pedagógica não pretende de forma alguma desconfigurar sua função de transmitir beleza, sensibilidade, prazer.

Todavia, acredita-se que o caráter artístico da contação de histórias pode servir de elo no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, a contação de

histórias pode auxiliar a práxis sem perder seu valor estético e artístico. Muitos teóricos abordam a questão da importância dos textos literários na escolarização. “Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação.” Quanto à leitura em si, ele acrescenta: “A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida”. (BETTELHEIM, 2000, p. 12).

A escola, dia a dia, vem perdendo seu papel de estimuladora da literatura para seus educandos, já não é contínuo o uso de livro paradidático. Acredita-se que é estimulando as crianças a imaginar, criar, envolver-se, que se dá um grande passo para o enriquecimento e desenvolvimento da personalidade, por isso, é de suma importância o conto; acredita-se, também, que a contação de história pode interferir positivamente para a aprendizagem significativa, pois o fantasiar e o imaginar antecedem a leitura. Utiliza-se da leitura, através da contação de histórias, como metodologia para o desenvolvimento dos sujeitos e melhoria de seu desempenho escolar, respondendo a necessidades afetivas e intelectuais pelo contato com o conteúdo simbólico das leituras trabalhadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a escola um lugar de construção e reconstrução de conhecimentos, deve dar especial atenção à contação de histórias, pois ela contribui na aprendizagem escolar em todos os aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral ou social, proporcionando um maior desenvolvimento perceptivo no aluno. Sobre suas vantagens, foram destacadas a aprendizagem de conteúdos, a socialização, a comunicação, a criatividade e a disciplina. Estabelecendo a relação entre os dados, observamos que a importância das histórias na escola se deve ao fato de ela proporcionar o desenvolvimento da motricidade, do raciocínio, o fortalecimento da autoestima, além da função lúdica. Visto a relevância da contação de histórias na escola, será importante a continuidade deste estudo com novos enfoques sobre contação de histórias e suas contribuições.

Diante do exposto, considera-se que a contação de histórias é de suma importância na educação infantil, para que os pequenos leitores se tornem leitores mais competentes. Acredita-se que é necessário que a prática da contação de histórias ocorra desde a mais tenra idade, e deva ser incentivada no âmbito escolar para proporcionar o desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo.

Por esse motivo, a literatura infantil tem papel primordial no desenvolvimento do indivíduo, possibilitando-o ter a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer sua experiência de vida. Desta forma, defende-se que a literatura infantil no contexto escolar deve servir não somente como meio didático, para distração ou para aquietar as crianças, mas também como recurso significativo na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, pois muitos são os atrativos tecnológicos que levam os alunos a se distanciarem do prazer da leitura, trazendo alienação.

A literatura neste sentido contribuirá para aquisição de conhecimento do aluno, pois, acredita-se que a partir do momento em que a literatura infantil é apresentada no contexto escolar, passa a ter função pedagógica e não apenas fruição. Entende-se que o professor deva proporcionar momentos em que os alunos sintam prazer ao estar em contato com a literatura.

Por isso, ele deve planejar, organizar, construir e se necessário reconstruir suas práticas para que os resultados sejam significativos, deste modo o aluno, terá uma bagagem maior de conhecimento, e o professor perceberá nitidamente o enriquecimento de seu discípulo. Sendo assim, ressalta-se o papel fundamental do professor no desenvolvimento do trabalho com a literatura infantil, pois será aquele que fará a mediação entre a criança e a literatura e fará com que o interesse da leitura seja despertado no aluno, para que o mesmo faça uso da leitura espontaneamente e criticamente.

Assim, o professor, ao fazer o uso da contação de histórias, deve estar atento se a idade das crianças é compatível com a história, se o ambiente está organizado adequadamente, deve perceber se há interesse pela história escolhida e também quais recursos poderão despertar a imaginação e o interesse da criança.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

FERNANDES, M.T. O. S. Trabalhando com os gêneros do discurso. Narrar: fábula/ coleção Jacqueline Peixoto Barbosa – São Paulo: FTD, 2001 – (Coleção trabalhando com os gêneros de discurso).

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil: história, teoria, análise. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria – análise – didática. São Paulo: Moderna, 2009

COELHO, Beth. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2001.

FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir da Silva (Org.). Infância: Imaginação e Infância em debate. Campinas: Papyrus, 2007. (Coleção Ágere).

GÓES, Lucia Pimentel – Introdução à literatura infantil e juvenil. 2. Ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

69

IRMÃOS GRIMM. Quem foram os Irmãos Grimm: contos infantis. Disponível em: <<http://www.bigmae.com/quem-foram-os-irmaos-grimm-contos-infantis/>>. Acesso em: 08 nov. 2012.

LIMA, Renan de Moura Rodrigues; ROSA, Lúcia Regina Lucas. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. CIPPUS - Revista de Iniciação Científica do Unilasalle, v. 1, n. 1, maio, 2012.

MACIEL, Rildo Cosson. O espaço da literatura na sala de aula. In: APARECIDA PAIVA, Francisca; MACIEL, Rildo Cosson. (Coord.). Literatura: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação. Brasília, 2010. (Coleção explorando o ensino; v. 20). Disponível em:<http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/2011_literatura_infantil_capa.pdf>.

Acesso em: 11 ago. 2014.

MIGUEZ, Fátima. Nas arte-manhas do imaginário infantil. 14. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. Dinâmicas em Literatura Infantil. São Paulo: Paulinas, 2009.

PENNAC, Daniel. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEREIRA, Silvana Cristina Bergamo; HILA, Cláudia Valéria Dona. Novos olhares para o gênero fábula: uma proposta de sequencia didática para as quintas séries.

UNOESTE, 2007. Disponível em: <

http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_silva_na_cristina_bergamo.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2014.

PERROW, Susan. Histórias curativas para comportamentos desafiadores. Tradução de Joana Maura Falavina. Antroposófica: Federação da Escolas Waldorf no Brasil. 2010.

PORTELA, Oswaldo O. A fábula. Revista Letras, v.32, 1983. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs-2.2.4/index.php/letras/article/view/19338/12634>>.

Acesso em: 11 Set. 2014.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. Cultura, arte e contação de histórias. Goiânia, 2005.

SAMUWIN. Os 10 contos de fadas mais macabros de todos os tempos. 20 fev. 2009. Disponível em: <<http://utilidadespublicas.wordpress.com/2009/02/20/os-10contos-de-fada-mais-macabros-de-todos-os-tempos/>>. Acesso em: 08 nov. 2012.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil. In: Revista criança - do professor de educação infantil, v. 38, p. 10, 2005.

VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.